

MANHÃ DE SOL

20.2.66

Rubem Braga

A MANHECEU o mais claro sol no mais azul dos céus, o que, para um homem de bem que levanta cedo e abre sua janela, dá sempre uma impressão de festa, de maneira que meu amigo sentiu isso e disse de si para consigo, visto que no momento não dispunha de pessoa mais interessante com quem pudesse conversar: «Ora, pois, uma bela manhã; cantarolarei no chuveiro e cortarei as unhas dos pés e das mãos; mandarei aparar corretamente esse bigode; e vejo que estou há quatro dias usando o mesmo costume de casimira; ora, sairei com aquele tropical, que deve estar bem limpo, e usarei uma gravata alegre, não escandalosa, mas bastante nova e bastante alegre para servir de cartaz no meu peito, fazendo saber aos transeuntes: «Atenção! Lá vou eu, sou a gravata alegre anunciando que este homem acordou de coração vivo e peito limpo e que ele agradece ao sol o brilho que vê nas folhas das árvores e na curva das ondas».

Saiu. E tendo descoberto (coisa que havia esquecido) que a terra é bela, isso lhe deu uma vontade de viajar. De ir a São Paulo ou Paqueta, sair um pouco da rotina dos seus dias feios. Viajar alegremente, sem ser para fugir de mulher e sem ser atrás de mulher, viajar tão gratuitamente que poderia mesmo ir a Belo Horizonte, e amaria, neste momento, estar saltando em Barra do Pirai — certamente, então, andaria pela beira do rio, sem outro pensamento além deste: ora pois, aqui estou eu olhando o rio Pirai. De súbito, pensou: eis uma belíssima, sensacional manhã para assistir a uma pororoca: deve ser impressionante, uma bela pororoca num dia de sol: quando irei ao Amazonas, e em que dia de que mês e de que lua costuma haver pororocas?

Saiu para a rua, com sapatos leves, feliz de andar. O que ficara para trás era noite — toda a tristeza e desejo vão. Salve a bela manhã, pensou ele — e se sentiu tão simples e sadio como um cavalo pastando perto da igreja na manhã de um domingo.

M 454

M 592

CM-18.7.52

DN-3.6.58

~~DN-20.2.66~~

DN 3.4.69

DN 20.2.66